

EXPEDIENTE

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS
E QUINTAS-FEIRAS.

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA

Por um anno. 10\$000
Por seis mezes. 6\$000

correspondencia da folha de
ser dirigida ao editor F. L. Pacheco

Os annuncios, publicações de intres-
se particular e obras feitas na typogra-
phia desta folha, devem ser pagas
à vista.

Typographia e Escriptorio travessa da
Mafra n. 77.

AO CORRER DA PENN.

Por um acaso, leitor, d'esse a-
casos que descem de além, tiveste
a ventura de ser possuidor de
um exemplar do *Cathecismo Re-
publicano*, d'esse livrinho de po-
paganda, que vem de ser lançado
ao terreno da publicidde, ao co-
minio da critica imparcial, e pr
consequente severa?

Por ventura não te coube a sorte
de seres incluído entre as dez
mil pessoas que devem ser se-
leccionadas desta dos onzemilhões
de habitadores do vasto, imme-
so, gigantesco e essencialmente
monarchico paiz, que tem por cle-
fe o senhor D. Pedro de Alcanta-
ra, a quem Deus conceda vigoroso
viver por mais um ou dous p-
es- de justiça?

Si não te envolveram entre
aquelles que necessitam da luz que
irradiará d'essa cartilha da demo-
cracia, não será sem razão que
arremessarás aos ares um lamen-
to, uma queixa, que traduza o
teu prazer.

Eu não tenho o direito de con-
sentir que em mim transpareça o
mais tenue vislumbre de despeito,
de sentimento: e queres, leitor,
saber porque? Si queres vou sa-
tisfazer-te.

E' que eu tive a dita de cor-
rer os olhos, com animo de pro-
prietario, sobre esse livro que ten-
de a implantar, a arraigar em os
cerebros d'aquelles que ainda não
cogitaram sobre qual a melhor
fôrma de governo, qual a séde
da soberania nacional, qual o es-
tandarte politico a cuja sombra
se devam abrigar, e sobre mui-
tas outras cousas, os principios da

escola democratica, os dogmas da
theoria republicana.

E a dita, a fortuna que eu tive,
a devo a um cidadão muito dis-
tincto, que milita em as fileiras
d'aquelles que almejam a trans-
formação completa da nossa or-
ganização politica, que querem
derribar, lançar por terra o thro-
no da monarchia e substituí-lo
pelo banco da democracia (que
utopia!), e que teve a gentile-
za de obsequiar-me com um
exemplar.

E' um livro de propaganda, que
tende a fazer o povo conhecedor
dos principios que animam e a-
lentam os propugnadores de to-
das as liberdades, os decantados
protectores do povo, os soldados
da republica.

A sua concepção, a parte in-
tellectual, é devida ao Dr. Al-
berto Salles, moço cheio de
actividade e de bastante illus-
tração; a sua publicação, a par-
te propriamente material, é de-
vida ao partido republicano que,
julgando de utilidade esse tra-
balho, mandou que se imprimis-
sem dez mil exemplares, para se-
rem distribuídos gratuitamente.

E', como diz o author,—um
preparo, um trabalho preliminar
indispensavel para o advento de-
finitivo do governo republicano
n'este paiz.

« Este paiz necessita, com mui-
ta urgencia, de uma revivescen-
cia politica completa, radical e
geral.»

Para preparar-lhe o terreno é
que o Dr. Salles está se esforçan-
do e escrevendo em fôrma de ca-
thecismo, e de uma maneira sim-
ples e de fácil comprehensão, o
producto do seu trabalho intel-
lectual.

Pouco almeja o illustre cam-
peão da democracia; só affaga
a doce esperança de preparar o
terreno para a transformação da
monarchia em republica! E' pou-
co, não ha negar; podia deixar-
se embalar por esperanças mui-
to mais fagueiras; o seu precio-
so trabalho dá-lhe o direito de
exigir muito mais do que isso.

Ao lerem-se as paginas d'esse
livro afigura-se-nos que é algum
ministro de Christo que, ex-ca-
thedra, está espargindo sobre os
fieis os ensinamentos do seu di-
vino mestre, com aquelle tom
dogmatico, imperioso, que não ad-
mitte discussão, e que lhe vem
da convicção da verdade, da cren-
ça inabalavel em que se immer-
ge de ser a doutrina, da qual se

constituiu arauto, a unica que
franquea o ingresso ao reino dos
céus.

De posse da verdade, impõe-n'a;
porque a verdade não se discute,
sobre ella não se traçam ques-
tões: aceita-se como ella é.

Assim o Dr. Salles, julgando-
se possuidor da verdade e tendo
como dogmas inabalaveis os prin-
cipios que prega, não admittre
discussão: impõe a sua doutrina.
Arremessa sem piedade o qua-
lificativo de absurdo a tudo que
se relaciona com a monarchia.

Para elle a fôrma republica-
na é immensamente superior á
monarchia; ou antes, nem licito
é estabelecer-se entre ellas
uma comparação; porquanto a
republica, e só ella é que se
harmonisa com a razão; a mo-
narchia é uma planta exotica, é
um absurdo inadmissivel ante a
luz que illumina o seculo que
encerra em si a vida toda da
agua que com seu vôo altaneiro
dominou e deslumbrou o mundo
—Victor Hugo!

Não ha lugar para duvida: o
governo do povo pelo povo deve
ser aclamado e estabelecido
pelas nações. Deixem-se de parte
a indole, costumes, instrucção e
educação dos povos.

Os brasileiros são essencia-
mente republicanos; tem-n'o pro-
vado por diversas vezes. Si a mo-
narchia aqui se acha estabeleci-
da é devida simplesmente a um
homem.

Pernambuco, Rio Grande do
Norte, Parahyba e Rio Grande
do Sul desenvolveram o estan-
darte da revolta, animados de
sentimentos democraticos. Foram
vencidas, apesar do entusiasmo
que as animava, pela *pressão ir-
resistivel das bayonetas reaes*;
mas, todos os brasileiros eram
infensos á monarchia; isso lá e-
ram não ha negar.

Eu então digo: si a monar-
chia resistiu á revolta, é porque
tinha adeptos, si venceu-a, é por-
que os realistas eram mais fortes
e prevavelmente mais numerosos;
si eram mais fortes e numerosos,
como dizer-se que a monarchia
aqui se estabeleceu pela vontade
única de um homem?

Si as revoluções não vingaram
foi naturalmente por não terem
o apoio do povo.

E as demais provincias que
sempre estiveram em harmonia
com o monarcha nada pesam em
a balança do Dr. Salles?

A linguagem usada em a par-

te historica é, em muitas occasiões
filha de uma parcialidade, que,
quasi degenera em fanatismo.

Os epithetos grosseiros arreme-
çados ao monarcha, ao brado do
Ypiranga, ao patriarcha da In-
dependencia, á cartá constitucio-
nal, bradam aos céus contra a
paixão partidaria que lhes deu
nascimento.

Brinda o monarcha com as pa-
lavras—hypocrita, tyranno, in-
truso, eubardo, poltrão, infame
perjuro, torpe aventureiro, falsario,
e talvez com algumas outras.

Um especimez d'essa lingua-
gem virulenta vas, leitor, ter ante
os olhos. Li-a: « D. João VI....
não trepidou em tornar se um
infame perjuro, tão somente para
não perder as commodidades de
um throno. Foi d'esse modo, á
custa de tantas torpezas e de
tantos crimes, que conseguiu ving-
gar, no solo virgem da America
a planta exotica da monarchia!
A estatua equestre da Praça da
Constituição não passa de uma
vil mentira, esculpida em bronze
por um cortezanismo desvalado,
para perpetuar a memoria ver-
gonhosa de um torpe aventurei-
ro e de um infame perjuro! O
brado summamente ridiculo de
—Independencia ou Morte—que
se levantou nos campos do Ypi-
ranga, como um protesto solem-
ne da colonia pela sua emanci-
pação politica, não foi mais do
que uma verdadeira farça, com
que se procurou illudir a since-
ridade e a boa fé dos brasileiros,
afim de prender os seus destinos
ao poste infamante da monar-
chia e aniquilar pouco a pouco
as liberdades publicas.» (pag. 113).

Não é esta uma linguagem
apaixonada e impropria para um
propagandista que quer egualda-
de, liberdade e fraternidade?

Ja estendi-me mais do que
queria; faço ponto.

FLAVIO

QUADROS MARITIMOS

Gronada, a bella cidade dos
abencerrages perdera a sua tran-
quillidade, e o socego em que se
achava no principio desta nar-
ração; dir-se-hia que
sentimento horrivel
seus habitantes
tariam elles so
ctativa de um

cujo resultado podia ser-lhes funesto? ou saberiam que dentro em pouco a mais horrivel e barbara execucao devia ter lugar diante de seu olhos, um espectaculo d'aquelles que Nero de continuo offerencia ao povo romano? saberia que a sua idolatrada Nadruna, estava presa, e condemnada com seus fiéis companheiros a ser queimada viva, por tentativa de fuga de convento para casar-se? Tudo isso com certeza concorria para dar a todos os rostos um aspecto lugubre, que mal podiam dissimular. Viam se os commandantes hespanhoes tomando medidas mysteriosas, apparendo o desespero de quem se julga perdido por falta de tropa; a pequena guarnição da cidade achava-se distribuida nos logares mais fracos, e alguns pisanos haviam pegado em armas para defender a cidade. Assim estavam as cousas em Granada, quando os soldados de Ben-Humeya apresentaram-lhe um transfuga que lhe trazia noticias importantes.

« Vossa filha, disse ella, El-Zagher e Fatoum foram condemnados a ser queimados vivos, e já se está preparando a pyra na praça principal da cidade; d'aqui a tres dias torá lugar a execucao; os fiéis da cidade preparam uma revolta que depende do vosso auxilio; cumpre que assalteis a cidade na hora em que as trombetas annunciarem que as victimas vão sair da prisão; durante a confusão do assalto, os habitantes revoltados atacando a escolta, salvarão as victimas.

Ben Humeya fixa um olhar penetrante no transfuga, que o encarassem se perturbar.

« Quem te incumbio de semelhante embuxada? »

« Sou um dos chefes dos revoltosos, e fui incumbido por elles de vir planejar com vós: El-gazil me conhece muito e pode vos dar as informações que quizerdes. » El-Ghazil é chamado.

« Seja benvido o fiel Ben-Ferraz, exclamou elle, pode se-lhe dar toda a confiança; e quando Ben-Ferraz contou-lhe a que viera:

« Não ha remedio, disse elle, havemos de assaltar a cidade em tres dias, pois é esse o unico modo de salvar Nadruna e seus infelizes companheiros. »

« Cumpra-se a vontade de Allah! » murmurou Ben-Humeya.

« Então posso voltar á cidade e communicar a boa nova aos conjurados? »

« Certamente tornou El-Gazil, e eu te acompanharei até a guarda avançada. » E ambos tomaram o caminho da cidade.

« Quaes são as ordens que me trazes? » perguntou El-Ghazil, apresentando-lhe os papeis.

« Sexta-feira a cidade de Sidi-kadi. »

« Dever o mo... »

« ... que os

mouros se prepararam para o assalto; de tal modo foi, que no dia aprasado, o sol fez brilhar o crescente ottomano á pequena distancia de Granada, e a corneta dos hespanhoes tocava á postos e inimigo á vista; o alvoroço que precede as batalhas era assustador na cidade; o exercito ottomano estava em linha estendida com suas escadas e apparelho de assalto, como quem não conta com séria resistencia.

Foi então que do alto de uma collina Ben-Humeya, cheio de surpresa, vio um exercito numeroso alinhado junto do muro da cidade, e um esquadrao de cavallaria que, formado a quatro, despejava-se no campo, pela porta de Sidi-kadi.

« Dez contra um! exclama elle; somos trahidos! maldição para os trahidores! toquem a retirada! »

Ao volver porém o inimigo surge na retaguarda, cortando-lhe a retirada: eram esquadraos de cavallaria que, de lança em punho avançava a galope. Uma resistencia desesperada concentra-se em roda de Ben-Humeya, mas em menos de uma hora as duas alas fogem desbarotadas. A confusão é geral. Ben-Humeya perde o seu cavallo e recolhe-se á barraca; lá estava El-Ghazil.

« Sobrinho, exclama elle, u cavallo, e ao campo. »

« E' inutil, respondeu desanimado, somos trahidos. »

« Sim, somos trahidos! gritou um homem, precipitando-se na barraca, mas o trahidor não trahirá mais! »

Esse homem era El-Zagher, que chegava, com os olhos baços e a roupa espedaçada. A sua vista, El-Ghazil leva a mão á cimitarra, mas antes de desembainhal-a, recebeu uma vigorosa punhalada no coração; abre a bocca, e cahiu de bruços, já sem vida.

« Desgraçado! que fizeste! exclama o emir lançando-se sobre o seu sobrinho o qual desembaraça-se vivamente, põe a mão no pescoço do criminal, arranca um rosario com crucifixo e mostralho-o:

« Christão! diz elle suffocado agente da inquisição! trahidor de seus irmãos! »

O emir recua com horror.

« No meu processo tudo ficou esclarecido. Elle é que arrebatou minha noiva no jardim..... »

« Nadruna, onde está Nadruna? »

« Elle é que a entregou as religiosas! »

« Mas onde está ella? vem comigo? »

« Elle é que nos fechou no subterraneo! »

Eu morro! sobrinho, por quem és, onde está ella? »

« Elle tinha ciúme!... elle causou a morte de Nadruna! »

« Nadruna morta! oh! exclamou o emir, levando as mãos á cabeça.

El-Zagher, na porta da barraca com os olhos vidrados, o braço estendido tragicamente para Granada, e com voz rouca exclamou: « Lá!... Lá naquella cidade!... elles a queimaram viva!... »

Ben-Humeya cahio petrificado no chão.

« Agora, rugio El-Zagher no augo do desespero, chegou minha vez de morrer! » e sahio correndo,

(Continúa) A.C.

PARNASO

Piano, Piano...

Assim, minha senhora, muito bem.... Nem de outro modo pode ser tocado Um trecho tão sublime! De leve o dedo posto no teclado Parece que melhor o som exprime Aquillo que o autor apaixonado Sem duvida sentiu E em notas traduziu.

Então vê... não acha mais doçura N'esta harmonia assim sentimental Parecendo mostrar a maciez De um collo oriental, Olhado de revez; Ou uns toques de ternura Que n'uns olhos gravou a formosura?

Piano, mais piano, Baroneza! E' a saudosa canção do gondoleiro Nas aguas de Veneza Nas horas em que a lua o céu inteiro Afoça em sua luz!... Melhor do que ninguém Vossa Era, a flux Derrama esta torrente de harmonias Como sabem, meu Deus, as assonias! Assim, minha senhora, muito bom!

Não falle por quem é; deixe somente Preludiar baixinho a serenata, Como queixas que descem da cascata, Em meio a solidão! Escute, escute e ouça o coração Que lhe falla talvez em louco anseio.... Não sente? !... Pois olhe eu estou vendo Por entre os frócos dessa roupa fina Assim como balouça a cassuarina, De manso lhe ondear o branco seio!... Myserioso amor Sim, bem te vejo aqui n'esta harmonia Voluptuosa, languida macia Que leve mão franzina, aristocratica De mansinho desato Como no céu um turbilhão d'auroras Que os anjos do Senkor Espalha ao romper das alvoradas Por entre um fino véo das alvoradas

Parece uma illusão!... Parece uma utopia!... Dourada creação De louca phantasia! De um sonhar ainda em flor, Delicado, subtil e perfumoso! Si tudo em torno aqui nos diz amor Amor nos diz o seu olhar também Quobrado, langoroso, Com laivos de alegria, E sombras de tristeza! Oh! Piano, piano, Baroneza!...

VARIÉDADE

Origem do negro

(LEGENDA)

Depois de creada a terra, o céu, as estrellas, a lua, o sol,

as aguas, os peixes, os animaes e as aves, tratou o Padre Eterno de fazer a obra prima, o homem, á quem chamou o rei da criação, e que realmente sahio como elle desejava. Esbelto e gracioso como a palmeira do deserto; cabellos que pareciam fios d'ouro, cahiam em ondas pelas espaldas; a bocca era um botão de rosa á espera dos primeiros raios da aurora, para desabrochar em alegres sorrisos; pelle assetinada, mais clara que o jaspe e mais macia que o velludo; olhos rasgados e vivos eram o espelho de uma alma, toda amor, pureza bondade e sabedoria, uma alma feita á imagem de Deus, e que, ainda não tinha sido tentada pelo peccado.

E' facil imaginar-se, que a beleza estaria ali diante do Padre Eterno, quando, aos ultimos retoques, mandou que se erguesse com vida, aquelle que tinha de ser o pai de genero humano.

O proprio creador sentiu-se satisfeito; e, como artista poz-se, e era natural, á contemplar com prazer a obra de seu genio, a mais perfeita de quantas tinha produzido. Si não se tratasse de um ser a quem se não pode emprestar paixões, poderiamos dizer que o Padre Eterno estava orgulhoso contemplando o homem, producto de sua infinita sabedoria e immensidade poder.

Mas nesse tempo vai passando Lucifer por juncto da porta do Paraizo, e vendo la dentro Adão cuja belleza o offuscava, não pôde deixar de reter os passos para admirar-o.

— Sim senhor, está bonito, disse dirigindo-se ao Padre Eterno—; mas, ora! Isso quem não faz? Eu tambem se tivesse o mesmo barro de que o senhor serviu-se, juro que fazia cousa igual, senão mais perfeita, e talvez em menos tempo. Quer uma aposta?

Vamos la, acceita o meu desafio? Perco tudo quanto possuo, si não fizer cousa igual senão mais perfeita. Acceita?

Riu-se o Padre Eterno; e como nesse dia estivesse muito pachorrento, provavelmente por se corado o seu grande plano da criação do mundo, mandou que entrasse Lucifer, e disse-lhe:

— Pois bem, ahí está o barro de que foi feito Adão. Toma a porção que quezeres, e vê la se fazes outro ser igual á esse.

Dito isso, Lucifer entrou muito estouvadamente arregaçou as mangas e começou a trabalhar, servindo-se da mesma argila de que tinha sido feito o homem, e que havia ali em quantidade.

Mas logo que poz-se a cumprir o barro entre as mãos, para lhe dar a forma que imaginava, foi o mesmo barro tomando uma côr escura, á ponto de ficar preto como a noite.

Mas ainda assim fez o que pôde.

—Agora, (disse o novo artista) vou lhe dar vida, e o Sr. Padre Eterno ha de ver que tal ficou a cousa.

Soprou um espirito sobre a sua creatura a quem disse: *Levante-se.*

Levantou-se em vez de homem um macaco, impertinente, peralta insupportavel, que num momento poz em faneco tudo quanto encontrou e pôde segurar.

Uma gargalhada geral foi o que provocou a obra de Lucifer, que ficou envergonhadissimo.

—Atrapalhei-me! atrapahei-me! Agora sim, vou arranjar um outro, com licença; —e encaminhando-se para o lugar onde estava o deposito de barro, desta vez tirou a porção da qual o Padre Eterno tinha separado o que empregara na formação do homem.

Poz-se a mexer com a argila, que, como tudo que é tocado por Lucifer, continuou ainda a tomar a cor do carvão. Mas desta feita jogava Lucifer com grande vantagem, porque aquelle barro ja tinha sido tocado pelo Padre Eterno, quando tirou a porção com que fez Adão; e bastava esta circumstancia para facilitar a execução.

Realmente preparou uma figura parecida alguma cousa com o homem, mas de formas muito grosseiras, e preta como quem a fez.

—Olha o nariz.

—E' verdade, disse o artista, ja ia me enganando; e havia ser ongraçado. Outro macaco. E por fallar em macaco, quero não me esquecer de prevenir para que não saia com rabo. Vamos agora arranjar o nariz. Mas, o melhor é fazer uma peça separada e depois solda-la.

Tirou mais um pouco de barro, que logo pretejou, ja se sabe, fez o nariz do seu homem, e veio pregal-o na figura desnarigada que la se achava.

Mas, ou porque o artista não tendesse daquillo, ou fosse la fosse, é certo que Lucifer solda a solda na cara da sua peça que tinha pretejada, e estava a nariz, apezar de quanto era possível, não retirou a mão, cahiu o nariz e ficava desnarigada a obra do Lucifer. Tentou muitas vezes, mas o resultado era sempre o mesmo.

Ja os circumstantes, isto é, o Padre Eterno, Adão, e uns anjos que ali se achavam, riam-se do apuro de Lucifer, que suava em bicas.

Finalmente este ficou tão aborrecido que agarrou no nariz com a mão esquerda, poz sobre a cara do seu homem, e descarregou sobre elle um murro furioso, que achou completamente nariz e cara; e sahio correndo, desapontado a mais não poder ser.

Mas o *homem negro* estava feito; faltava dar-lhe vida.

—E agora chegou-se á figura e soprou-lhe a vida dando-lhe alma igual a de Adão.

E assim fez o *negro*, cara chata, nariz chato, muito parecido ao macaco, de quem é primo-irmão, e muito inferior ao branco, no physico, bem entendido, porque as suas almas, obra do mesmo creador, são inteiramente iguaes.

GAZETILHA

Consortio.—Realizou-se hontem nesta cidade o consorcio do estimavel moço sr. Ernesto Ferreira Gandra com a exma. sra. D. Victalina Pereira Mendes, virtuosa filha do nosso respeitavel amigo sr. Fernando Pereira Mendes.

Foram testemunhas os Srs. Alfores Carlos Augusto Pereira Mendes e José Manoel da Fonsoca, este por parte do noivo e aquelle por parte da noiva.

Após á coremonia religiosa serviu-se um delicado *copo d'agua*, onde se trocaram entusiasticos e calorosos brindes, terminando a festa com uma esplendida *soirée*, que se prolongou ate adiantada hora da noite.

Aos distinctos noivos damos sinceros parabens, desejando-lhes muitas felicidades.

Jury.—Foi convocada a segunda sessão ordinaria do jury desta cidade para o dia 30 do corrente mez.

Concerto-baile.—Deve effectuar-se hoje no espaçoso e elegante salão do sr. Bento Paes de Barros o concerto promovido pelos srs. Scolari e Santini.

Chamamos attenção dos apreciadores da divina arte de de Euterpe para o convidativo programma que publicado vae na competente sessão.

Revista Theatral.—Fomos obsequiados com a remessa do 2º numero d'este jornal que recentemente encotou a sua publicação na Côte.

Redigido com muito talento e criterio e defensor de uma classe illustre, desejamos ao novo collega muitas felicidades.

O numero a que alludimos traz na sua primeira pagina o retrato do actor Vasques—um dos mais bellos ornamentos da actual geração dos actores brasileiros. Agradecemos a visita.

Rêo recolhido á cadeia da capital.—Foi recolhido á cadeia da capital, o réo Martinho, ex-escravo, condemnado a doze annos de prisão com trabalho, pelo jury d'esta cidade.

Desajusado.—Correm os dias, passam os mezes, e sempre a vaguear pelas ruas da cidade leva-os um individuo mentecapto, conhecido pela alcunha de *barão*.

Quando ninguem o provoca, é um homem pacato e conversavel porém, quando os moleques, que conhecem o seu fraco pela monarchia, dão em sua presença vivas á republica, torna-se o homem furioso, grita, corre, dá viradas, atormenta em fim todo o mundo.

A policia não desvendará um meio de impedir que os moleques provoquem o nosso *barão*?

Pedimos providencias para o caso.

Fallecimento.—Falleceu em Capivary o sr. Manoel Alves de Almeida Lima, importante ne-

gociante dessa cidade, e membro de uma das mais distinctas familias alli residentes.

Laga quebrada.—Em o passeio da rua do Commercio, em frente a uma casa proxima ao Instituto do Novo Mundo, existe uma laga; quebrada, formando um buraco que pode, com muita facilidade, occasional queda a algum transeunte.

A attenção do fiscal pedimos para o caso.

Clinica Medico Cirurgica.—No mez de Maio findo o dr. Lopes deu em consultorio adiver-as pessoas pobres 46 consultas, sendo homens, 27 mulheres 26 crianças 3. Fez a extracção de um berne palpebra superior direita em uma criança.

Foram aviadas 67 formulas pharmaceuticas.

ANNUNCIOS

Agradecimento

D. Maria Theodora Lobo, Jose Alvas da Conceição Lobo e seus filhos sinceramente agradecem a todas as pessoas que dignaram-se acompanhar o sahimento de seu presado irmão, cunhado e tio, fallecido a 2 do corrente, e rogam a seus parentes e amigos o obsequio de assistirem a missa do 7º dia, que por alma do mesmo finado será resada amanhã as 7 1/2 horas em a igreja do Bom-Jesus.

Atenção

José da Costa Falcato, previne a seus freguezes que d'ora em diante não trabalhará a prazo de anno, em vista do estado financeiro, e para evitar alguma ignorancia sobre o que acaba de prevenir, participa aos mesmos.

Itú, 6 de Junho de 1885.

RUA DA PALMA

CALÇADOS BARATOS

Dinheiro

Mudou-se a LOJA DE CALÇADOS de Felipe Bauer, em frente a tenda de ferreiro de Paulo A. Marques, onde seus amigos e freguezes encontrarão um grande sortimento de calçados feitos de toda a qualidade e por prebaratissimo.

Na mesma casa aprompta-se qualquer encomenda com toda perfeição em seu trabalho. Rua de S. Rita em frente a da de ferreiro de Paulo A. Marques.

10-1 FELIPPE BAUER.

ADVOGADO

O Dr. Pamphilo Freire de Carvalho advoga com os Srs. Conselheiro Duarte de Azevedo e Dr. João Monteiro, na 1ª e 2ª instancia, á rua de S. Bento, n. 48.

Attende a chamados para qualquer ponto da provincia, especialmente para o fóro de Ytu.

Festa do Espirito Santo

O abaixo assignado, festeiro do Divino Espirito-Santo, pelo presente faz publico que a festa terá lugar nos dias 23 e 24 de Junho sendo o seu programma o seguinte:

Dia 22, as 8 horas da manhã no Convento do Carmo, distribuição de carnes aos pobres.

Dia 23

Missa Cantada e sermão, occupando a tribuna sagrada o distincto orador Sr. Conego Ezechias Galvão da Fontoura.

As duas horas da tarde jantar aos pobres, em casa da sua residencia.

Dia 24

Missa Cantada, sermão do mesmo Rvdo Sr. Conego Ezechias, sorteio do novo Imperador e procissão á tarde.

O festeiro promette não poupar esforços para o brilhantismo da festa.

Itu 31 de Maio de 1885.

Joaquim Galvão Pacheco.

PROFESSOR DE PIANO

E

CANTO

Francisco Santini, maestro de piano e canto, faz sciente ao respeitavel publico Ituano, que resolveu estabelecer-se nesta cidade, achando-se pro apto desde já a lecionar as referidas materias em casas particulares, collegios, sitios; affiançando rapido progresso e assiduidade.

Assim como encarrega-se de fazer qualquer composição, tocar Orgão ou Armonium e reger orchestra em festas religiosas.

Pôde ser procurado para tal fim, no Hotel da Estação, que achará com quem tratar. (2)

Itú, 4 de Junho de 1885.

S. PAULO

O sollicitador Francisco Guimarães, mudou-se da Rua Municipal n.5 para a mesma n 11.10-10

MODISTA

Mme. Augusta Flores, continua a fazer vestidos para casamentos e bailes etc., assim como enfeita chapéus pelo systema moderno. Faz tudo por preço, sendo pago á vista.

59—RUA DA PALMA

O ADVOCADO

PHILADELPHO DE LIMA tem o seu escriptorio a travessa do Rosario N. 19.

São Paulo

ATENÇÃO

Benevenuto Cereda participa aos seus amigos e freguezes que continua á ter em sua casa grande variedade de cannos de cobre e folha.

Encarregando-se do assentamento dos mesmos, bem como dos serviços de pedreiros por preços modicos. 50—15

Itú 16 de Abril de 1885.

Benevenuto Cereda.

Ytu'

FUNILARIA Italiana

61-Rua do Commercio-61

O abaixo assignado participa ao publico que faz e assenta, nas beiradas das casas, cannos de cobre, zinco e folha, garantido perfeição no seu trabalho e modicidade nos preços. 50—36

Itú 25 de Janeiro de 1885.

Salvador Felizola.

Impostos Municipaes

O procurador da Camara Municipal d'esta cidade, abaixo assignado, faz publico, que de conformidade com o disposto no art. 207 § 2 do codigo das posturas Municipaes, o pagamento do imposto sobre Capitalistas, Lavradores de assucar, café e algodão, devem ser feitos impreterivelmente por todo o mez de Junho corrente, em casa de sua residencia, Largo do Carmo. Os que recusarem-se ao pagamento do imposto soffrerão a multa de 30\$ alem da obrigação de pagar a importancia do mesmo, conforme dispõem o art. 202 do mesmo codigo. 3—2

Itú 4 de Junho de 1885.

Frederico José de Moraes.

GALVÃO DE BARROS DENTISTA

Colloca dentadura inteira e parciaes, pelo systema mais aperfeiçoado. Obtura a cavidade, e o canal da raiz do dente, sem soffrerem dor na Operação. Extrae dentes e raizes, ainda que estejam sumida na reborda alveolar, empregando instrumento apropriado. Extrae o tartaro, ou pedras adherente ao dente natural, e limpa-os, deixando na cor natural. Cura as molestias da boca. Faz tudo quanto diz respeito a sua arte e profissão, garantido perfeição do trabalho, feito pelo uzo e systema dos Dentistas mais acreditados entre nos conhecido. 27—30

Rua da Palma n. 73

YTU'

BREVEMENTE RETRATOS

Pelo novo processo de Gelatina Bromureto de Prata Garante-se a perfeição do trabalho

JOSE' AUGUSTO SANTI' ANNA.

Antigo empregado da acreditada casa de Alberto Henschel & C, S Paulo, de passagem por esta cidade, n'ella pretende demorar-se por alguns dias, pelo que previne ao publico garantindo o seu trabalho. (2)

HOJE, 7 DE JUNHO DE 1885

No espaçoso salão concedido graciosamente pelo Illm. Sr.

BENTO PAES DE BARROS

(RUA DA PALMA)

Grande concerto-baile vocal e instrumental

DADO PELOS SRS :

Giovani Scolari, artista da Companhia Lyrica Italiana baixo profundo, e Francisco Santini, regente de orchestra, professor de piano e canto e das exmas sras. dd. Egislena Santini e Julia Santini.

Programma :

PRIMEIRA PARTE

1. Ouvertura IMPRONTU a piano pelo professor sr. F. Santini.
2. Grande aria dramatica de Philippe na Opera DON CARLOS, de Verdi pelo snr. Scolari.
3. LAMENTO D'AMOR romanza de Fosti, pela exma. snra. d. Julia Santini.
4. Walsa de salão—NÃO QUERO NÃO ! composição do distincto professor Santini e pelo mesmo executada ao piano.
5. Duetto, MARIA e RIZZIO de Fabio Campana, pela exma. sra. d. Egislena Santini e snr. Scolari.

SEGUNDA PARTE

1. (á pedido) Elegante Walsa de concerto—QUIERO SIM! composição do professor F. Santini, que tanto exito obteve no primeiro concerto, executada ao piano pelo mesmo senhor, e com o acompanhamento de piano da exma. snra. d. Egislena Santini.
2. PATRIA, ou conto do emigrante romanza para baixo e piano da exma. snra. d. Egislena Santini.
3. A afamada e popular composição de Palloni LA STELLA CONFIDENTE pela exma. snra. d. Egislena Santini.
4. (á pedido) A inspirada composição do maestro brasileiro cavalheiro Carlos Gomes, a canção dos Aventureiros da opera Guarany, pelo snr. Scolari.
5. (á pedido) O applaudidissimo e engraçado duetto comico da Adina e Dulcamara na Opera Elixir d'Amor, de Donizetti, pela exma. snra. d. Egislena Santini e sr. Scolari; com o mesmo duetto acabará o concerto. Depois do concerto haverá baile.

Todas as peças de canto, serão ensaiadas a capricho e acompanhadas pelo distincto maestro Santini que desde ja propõe-se a leccionar nesta cidade. Começará ás 8 1/2 da noite.

Preço dos cartões Rs. 2\$000.

Póde-se procurar as entradas para o concerto no Hotel da Estação. N. B. As pessoas que por qualquer motivo, não possam ficar com os bilhetes, terão a bondade de os entregar até ao meio dia do dia do concerto, para não serem considerados passados.

HOTEL CENTRAL

PIRACICABA

Largo da Matriz

Este hotel, situado no melhor local da cidade oferece aos srs. viajantes, excellente mesa e commodidades confortaveis, por preços modicos.

J. F. do Amaral.

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que fazem parte da Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP. Trata-se de uma referência a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP são de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (dtsibi@usp.br).